

O plano de aula e a banca de concurso

FELIPE FIGUEIRA*

Resumo: O intuito do presente artigo é investigar dois elementos fundamentais à formação de professores: 1º O plano de aula e 2º A banca didática de concurso para o magistério. Para desenvolver esses elementos haverá uma análise detalhada dos principais pontos que devem compor o plano de aula, que é um importante documento docente, e, por fim, fruto da experiência do autor em cursos de licenciaturas e em certames públicos, serão indicadas dicas para uma boa prova didática.

Palavras-chave: Formação de professores; Documentação docente; Prova didática.

The lesson plan and the evaluation board

Abstract: This article aims to investigate two fundamental elements to the teacher's formation: 1st – The lesson plan and 2d – the didactic board to contests for magistry. To develop these elements there will be a detailed analysis of the main points which should compound a lesson plan, that is an important teaching document, and, therefore, result of the author's experience in graduation courses and in public contests, it will be indicated tips for a good didactic test.

Key words: Teaching formation; Teaching documentation; Didactic test.



* **FELIPE FIGUEIRA** é professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Paranavaí. Licenciado em História pela UNESPAR (campus FAFIPA), em Pedagogia pela UNINTER e Bacharel em Direito pela UNIPAR. Mestre em Educação pela UEL, Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Introdução

A docência é uma atividade complexa, pois exige da pessoa não só o conteúdo em si, mas um jeito particular de comunicá-lo. Esse modo particular não pode ser dado objetivamente, logo, neste artigo não farei com que o leitor saia com um modelo absoluto de docente. Porém, esse jeito diz respeito a uma complexidade de tarefas, isto sim, tema do presente trabalho.

Ao longo das minhas aulas na disciplina de Didática, bem como de minha experiência com licenciaturas e concursos docentes, sempre me perguntaram: “Como escrever um bom Plano de Aula?” e “Como me portar diante de uma banca?” Uma vez que essas são inquietações constantes, passei a anotar minhas respostas até o ponto em que percebi ser útil compartilhá-las.

1. O plano de aula

Por várias vezes já comentei sobre as particularidades da docência, mas não falei de forma pormenorizada sobre um documento importante para os professores: o plano de aula. Esse é um documento exigido especialmente em processos seletivos, seleção em escolas privadas e concursos públicos. Costumo dizer que ele, em conjunto com o currículo, constitui o cartão de visita do professor, logo, deve ser bem apresentável, sob o risco de riscar o docente.

É por meio do plano de aula, muitas vezes, que a banca acompanhará a lógica do candidato, seguindo-o passo a passo para saber se o professor cumpre o que promete. Para exemplificar esse assunto por meio de outra área, o Direito, o plano

de aula é uma petição inicial que deve ser bem fundamentada, dando provas suficientes de que o autor é apto à função. Negligenciar qualquer parte do plano pode ser fatal, assim como no caso de uma petição inicial, sendo que a banca (que tem a função de juiz) está ali para provar o candidato. Da identificação às referências, tudo deve ser feito de modo cuidadoso.

Para melhor compreensão dos elementos básicos de um plano de aula, dividirei este artigo por tópicos. É claro que um ou outro tópico pode receber outro nome ou ser incorporado por outro, até porque não há planos de aula absolutos, mas o fundamental é observar o que deve ter nesse documento.

Antes de adentrar nos tópicos, convém destacar dois tipos básicos de plano de aula:

- I) Feito para o público de nível fundamental e médio;
- II) Feito para o público universitário.¹

Um plano de aula voltado para o ensino fundamental ou médio deve contemplar em especial metodologias, recursos didáticos, interatividade com a turma e relacionar os conteúdos com o dia a dia. A aula do ensino básico não é para formar o profissional específico, mas para dar bases gerais de determinada ciência. Com isso significa que o conteúdo é algo de baixa importância? Não, mas que ele não é um fim em si mesmo, pois o alvo é um aluno formado para generalidades. Assim, o plano não deve ser apenas conteudista, mas, um

problemático que seja esse critério, o fato é que as universidades são classificadas tendo por um dos critérios a pesquisa. Cf. SANTOS, 2018, p. 63-92.

¹ Não é preciso tecer grandes justificativas para apoiar essa divisão didática, basta destacar que no Brasil a maior parte das pesquisas se dá no ambiente universitário, mormente nas universidades públicas (95%). Por mais

tanto pedagógico, preocupado com metodologias.

Já um plano feito para o público universitário tem como objetivo tratar de futuros profissionais, logo, a ênfase no conteúdo é maior. É claro que metodologias e um cuidado pedagógico são sempre importantes e bem-vindos, entretanto, para esse público espera-se um professor pesquisador. A linguagem pode ser mais complexa e específica, posto que o professor lidará com pessoas, por exemplo, que só estudam Química, ou História, ou Pedagogia.

Nunca é demais dizer que em matéria de serviço público é o momento da banca provavelmente o único em que o professor é efetivamente avaliado pelos pares. Por essa razão, cada palavra passa a ter o peso de um planeta. O candidato não precisa colocar palavras para se condenar, até porque esse é o momento dele se defender com todas as forças que possui, como um advogado que atua em causa própria. Assim é um plano de aula: o professor se entregando e se defendendo diante da banca.

Todavia, é o plano de aula um documento que só serve para ser julgado? Não, mas, é nesse tipo de situação que ele possui um peso maior, e que, portanto, deve receber um cuidado maior. No dia a dia docente, até por causa da experiência e menor pressão, elaborar um plano de aula é algo comum e mais calmo, mas que só é assim se o professor aprendeu como ele é feito, do contrário, pode se ver envolto a problemas diante de um documento tão importante.

1º. Identificação

São itens básicos: escola, professor, disciplina e série.

A escola geralmente é a que a pessoa fará o concurso ou uma das instituições que compõem a rede. Por aqui já se percebe se o candidato estudou para a prova ou não, pois saber qual o lugar que se pretende trabalhar implicará depois em particularidades no “Desenvolvimento do tema”.

Professor e disciplina são itens objetivos, sem grandes prolongamentos explicativos. Porém, quanto à série, é importante saber para qual ano determinado conteúdo está inserido. E, além do ano, saber qual o provável bimestre. É certo que podem haver variações, a dependerem da ementa e do livro didático, mas é preciso que o docente saiba a série e o bimestre para que tenha noção de sequência conceitual. No ensino há um antes, um durante e um depois.

2º. Tema

O tema geralmente é dado pelo edital. Basta reproduzir o tópico nesta parte do plano. Porém, desde já, é bom alertar que um tema é sempre algo geral, e uma aula é um momento específico. Logo, do tema surgem subtemas. Não é possível ensinar Segunda Guerra Mundial em uma só aula.

3º. Objetivos: gerais e específicos

Costumo dizer que este é o tópico mais importante do plano de aula, mas não só deste documento, como também de projetos de pesquisa e de outras atividades docentes. São os objetivos que guiarão o docente a atingir a meta almejada, que é a explicação do tema.

Objetivos se dividem em gerais e específicos. Para efeitos práticos, o objetivo geral costuma ser o tema, e os objetivos específicos as divisões. Em um livro didático, por exemplo, há o título de um capítulo (tema/objetivo geral) e este se divide em subtítulos (objetivos específicos).

Feita a visualização de como preparar os objetivos, cabe dizer o seguinte: este é um bom momento para o professor indicar procedimentos metodológicos, como o de trazer o dia a dia do aluno para a aula, associando a teoria com o cotidiano. Se um dos anseios do professor é aproveitar os conhecimentos dos alunos, por que não tornar esse intuito em um objetivo?

Diante dessa parte concluída no plano de aula, fica mais fácil visualizar o desenvolvimento do tema, que nada mais é do que a aula reduzida a termo. A banca costuma se atentar aos objetivos e, com uma caneta, assinalar se o candidato os alcançou ou não. Esse tópico costuma ser o medidor de qualidade de um plano.

Uma observação: estou a apresentar o plano de aula em uma sequência para efeitos didáticos, mas nada impede de ser preenchido em diferentes ordens.

Antes de ir para o quarto tópico, apenas algumas observações. O plano de aula é entregue para a banca somente no dia da avaliação, então ela (banca) não terá tempo de sobra para lê-lo em pormenores. Assim, toda a escrita do plano deve ser clara e objetiva. Nem escrever em excesso e nem ser suscito demais. Em excesso a banca não lerá, pois não há tempo e ela está cansada; e se for suscito a banca poderá ver sinal de omissão. É relativo o que vou dizer, mas considero um plano com cinco, seis páginas, de bom tamanho. Já vi candidatos apresentarem planos de uma página e me perguntei se isso é possível; e já vi candidatos apresentando planos de quinze páginas e me fadigou. Diante disso, busque o equilíbrio.

4º. Desenvolvimento do tema

Para melhor disposição desse tópico, o dividirei em subtítulos, mas, antes, apresentarei ideias gerais.

A primeira pergunta a ser respondida é: o presente plano é para o ensino básico ou superior? Na verdade, tal pergunta deve ser feita na identificação, quando se insere o nome da instituição. Porém, a trago aqui também porque muitos são os candidatos que se esquecem desse importante aspecto e quando chegam a este tópico só tratam de conteúdos, como se este momento fosse a escrita de um artigo científico, mas não é. É o lugar para transformar a aula, que será oral, em escrita.

Antes de passar a outro aspecto geral, preciso esclarecer um ponto sobre o plano de aula para a educação superior: ele também deve visar metodologias, até porque a falta dessa preocupação pode minar o ensino e ninguém quer isso. Só que, para efeitos de esquema, o plano de aula para a educação básica teria essa ordem: metodologias + conteúdos; e o da educação superior: conteúdos + metodologias.

Outra questão geral: a bibliografia básica citada ao final do plano deve aparecer no corpo do texto de forma explícita. Para tanto, o professor ou pode destacar no início do Desenvolvimento do Tema quais fontes básicas utilizará ou ao longo do Desenvolvimento dizer que fontes utilizou. Não há uma regra.

Um detalhe, que não é um mero detalhe: não menospreze o quadro-negro. Esta tecnologia escolar, que muitos podem tomar como retrógrada, é uma importante ferramenta para visualização e ordenamento dos conteúdos. Quantos mundos já foram desvelados nos quadros? Tal tecnologia, como qualquer outra, não é um fim em si mesmo, mas certamente é um valioso meio para potencializar o ensino. As palavras de Jan Masschelein e Maarten Simons, na obra “Em defesa da escola: uma questão pública”, são valiosas: “A lousa não é apenas uma superfície em que a matéria

aparece na forma escrita. Muitas vezes, a lousa mantém o professor com os pés no chão. Passo a passo, um mundo é levado a se revelar diante dos olhos dos alunos” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2019, p. 54-55).

Por fim, conforme destacarei na parte sobre dicas para a prova didática, é preciso que o professor saiba entrar e sair de uma sala, seja organizado, cortês, escreva o nome, a matéria e o dia no quadro. Além disso, é de bom tom que o docente coloque no início do quadro ou em algum lugar qual foi o conteúdo da aula passada, qual será o da atual e qual será o da próxima, pois isso dá uma noção temporal ao aluno. Agora, vamos aos subtítulos.

4.1 Apresentar a bibliografia no início ou durante o plano

Já comentei a esse respeito, porém, vale reforçar. No Desenvolvimento é importante citar a bibliografia básica. Esta menção pode ser feita logo no início ou durante o corpo do texto.

4.2 Revisar os conteúdos da aula anterior

Com tal procedimento o professor ajuda a si próprio e ao aluno, formando uma consciência processual do que veio antes e do que virá depois. Isso gera organização e facilita o aprendizado.

4.3 Introduzir a aula do dia

Feita a revisão do último conteúdo, algo que pode e deve ser realizado brevemente, o professor iniciará os conteúdos da presente aula. Que ninguém se confunda: a aula se iniciou quando o professor colocou os pés na sala, mas os conteúdos da presente aula se iniciarão depois da retomada de conteúdos. Neste momento da aula é excelente que o professor faça um resumo do que será estudado, pois isso ajudará os alunos a apreenderem o que

será dito logo de início. Essa é uma valiosa previsibilidade. Para atingir esse objetivo, o resumo pode ser feito por meio de palavras-chave: “veremos esse, esse e esse assuntos”.

Aqui será o lugar que o candidato mais deverá escrever, pois, conforme dito, será a aula reduzida a termo, é um passo a passo. Porém, ninguém precisa ser tão literal, indicando até uma possível tosse.

Já que o professor introduzirá o tema, é preciso alertá-lo para algo: vá com calma, pois a ciência é uma linguagem e ela tem suas particularidades e dificuldades de compreensão. Por exemplo: muitos alunos vão mal em Química não tanto porque ela é difícil, mas por ser uma nova linguagem, e toda linguagem leva um tempo considerável para assimilação. É melhor o professor enxugar o tema e potencializá-lo, falar de forma pausada, fornecendo novos exemplos, do que partir do pressuposto de que tudo o que foi dito é completamente claro.

Há quatro erros básicos a serem evitados pelo candidato:

- Querer falar tudo do tema. Isso é impossível e a aula é um recorte. Alguém consegue explorar tudo de Segunda Guerra em uma só aula? Jamais.
- Enrolação. O tema é bem esse, “enrolar”, pois o candidato, despreparado, escolhe algo e começa a girar em torno dele sem avançar. O despreparo é fatal.
- Falar rápido demais e acabar o assunto na metade do tempo previsto. Nervosismo todos têm, mas é preciso controlá-lo. O que pensar de um professor que dispensa os alunos com 20 minutos de aula ou que os deixa fazerem o que bem

entendem porque não há mais o que ensinar?

- Não concluir tudo o que se propôs a ensinar e acelerar a fala. Isso está relacionado a não recortar o tema, além de demonstrar desorganização. Como a ciência é uma linguagem, nada pode ser apressado. Conforme dito, é melhor enxugar e potencializar.

Quanto ao quarto erro, ele é fácil de ilustrar e merece um exemplo bastante prático.

É comum filmes e séries envolverem quem os assiste por horas, até por dias e anos. Cria-se uma expectativa tão grande que só se espera uma coisa: o desenrolar da história. Todavia, quando o enredo foi extenso e o final insatisfatório, não conseguindo amarrar as histórias, há um desconforto e uma frustração. De modo semelhante acontece com uma aula sem um bom desfecho. Grandes composições terminam com bons desfechos, bons filmes terminam com bons desfechos (por mais que finais possam ser relativos entre o que se espera e o que de fato ocorre), então, por que uma aula não pode ter um bom desfecho? A aula deve ter um final rico, que instigue o aluno a pensar: “o que virá depois?”, “quero mais aulas com esse professor”.

Além do referido “final rico”, é de bom tom que o professor faça um resumo do que foi visto, também por meio de palavras-chave, a exemplo do que foi feito logo no início. Esse procedimento é excelente para que um bom final seja alcançado. Os resumos do início e do final não precisam durar mais que um minuto.

Por fim, cabe contar aqui uma experiência que tive em bancas. Certa vez assisti um concurso para a área de Música. Pergunta: o que se espera de um

concurso assim? No mínimo que a pessoa leve um instrumento, cante ou faça uma clave de sol no quadro. Porém, os oito candidatos não levaram nada, apenas diziam: “Se fosse uma aula eu faria assim ou assado”. Ora, era uma aula. Resultado? O concurso fechou sem candidatos aprovados. Para usar a palavra terrível: todos foram reprovados. Lição: se a aula será de Química, faça experimento, ainda que extremamente simples, até porque as escolas são pobres de materiais no dia a dia; se é um concurso de História e o tema for Egito, fale de múmias, caso tenha um papiro, leve-o; enfim, para bom entendedor já está tudo dito.

4.4 As metodologias

Conforme há a introdução do conteúdo, é preciso indicar como ele será desenvolvido, se por meio de debates, se por alguma experimentação, por leituras, ou por algum outro procedimento. Não deixe o conteúdo solto, pois todo ensino é feito de alguma maneira, que deve ser dita.

4.5 Avaliação

Geralmente planos de aula contemplam avaliações. No dia a dia docente não há avaliações todos os dias, ou até há, a depender do professor, pois alguns conseguem avaliar todos os dias. Enfim, um plano de aula costuma ter avaliação, pois o candidato precisa, ainda que brevemente, demonstrar que domina os aspectos básicos da docência.

Nesse item, cuidado: muitos são os candidatos que fazem avaliações pífias e pobres. Pífias porque mal preparadas, e pobres porque às vezes em nada acrescentam. Não são poucos os candidatos que criticam certos tipos de avaliação, mas que, quando chegam na hora de prepará-la, reproduzem certos padrões (criticados por eles mesmos). É importante que o professor entenda de

tipos de avaliação. Para tanto, um livro e formações na área valem a pena.

Por fim, deixe alguns minutos da sua aula para explicar a avaliação. Não precisa ser ao final, mas geralmente os professores assim o fazem, podendo ser em qualquer momento da aula. Não negligencie essa parte, pois aluno leva muito a sério avaliações, nem que seja para depois só cobrar o professor pela nota. Também não significa deixar quinze minutos para esse momento, pois, daí, a explicação dos conteúdos, foco da banca, é gravemente prejudicada.

4.6 Próxima aula

Indique qual será o conteúdo da próxima aula, assim, é possível criar sempre uma noção temporal de antes, durante e depois. Além disso, quem quiser se antecipar aos conteúdos terá uma boa indicação do que estudar. Termine a aula com um “até logo” ou algo do gênero.

5. Recursos didáticos

Os recursos didáticos já apareceram no Desenvolvimento, mas aqui é o momento de discriminá-los. O que constar aqui é preciso trazer ao longo da aula. A banca é observadora e toda perda de ponto pode ser fatal, até porque a concorrência a cada dia que passa se torna mais intensa (preparada) e extensa.

6. Avaliação

Não há nada que aluno mais implique do que com a avaliação. É o momento em que mesmo o mais negligente se atenta. Pais muitas vezes não se preocupam com o aprendizado, mas com os conceitos, como se estes por si só fossem o próprio aprendizado. Então, nada mais lógico do que o professor se proteger nesse aspecto e, com isso, proteger o aluno também, pois a avaliação serve para os dois. Quem avalia é avaliado.

Para a elaboração da avaliação é de bom tom o candidato citar algum estudioso do

tema, não só da parte específica do conteúdo, mas também alguém relacionado ao ensino. Isso demonstra o aspecto pedagógico do professor, que sabe não só o conteúdo em si (algo básico), mas também entende de ensino (algo também básico).

Neste tópico atente-se para dois aspectos: o conteúdo em si e os critérios para a correção. Com todo esse esclarecimento, o professor se protege e protege o aluno, pois este saberá de forma mais precisa como será avaliado. É questão de mostrar as regras do jogo.

7. Bibliografia

A bibliografia se divide em básica e complementar. A básica geralmente inclui o livro didático e mais um ou outro texto de amplo acesso. Não negligencie o livro didático se a banca for para nível básico, pois este material, apesar de todas as críticas, segue sendo uma importante fonte de consultas, especialmente em uma época cheia de *fakes news*.

Já a bibliografia complementar pode variar muito, desde outros livros didáticos a artigos e filmes, dentre outras fontes. Mas, um porém, que serve para as duas bibliografias: traga sempre fontes fortes, de lugares e pessoas com pesquisas sólidas. Não adianta nada a aula ser impecável e as referências serem lastimáveis.

Além das explicações acima, é preciso saber que a bibliografia não é um item formal do plano, mas ela é a base do plano, no sentido de que foi a partir dela que a aula se desenvolveu. Logo, citá-la no Desenvolvimento da Aula é fundamental. Que sempre fique claro: trata-se de um concurso para professor, logo, o conhecimento e a erudição são premissas, seja em uma banca para nível básico ou superior.

Geralmente um plano de aula é apresentado após a prova teórica em concursos. E geralmente concursos costumam ter altas concorrências, sendo que já vi concurso para docente em Instituto Federal que chegou a quase 800 por uma vaga. Não é brincadeira concorrer com tanta gente, a maioria com experiência docente e altamente titulada. O plano de aula deve ser excelente, sob o risco (real) da pessoa morrer na praia. Por mais que faça parte, é triste superar mais de setecentos e ficar na lista de espera.

Depois de toda explicação, também é válido dizer algo básico: cuide para que o plano seja agradável de ser lido. Dê espaçamento entre as linhas, coloque uma fonte cujas letras não fiquem pequenas (e nem grandes), escreva frases curtas e parágrafos breves. A banca estará cansada e a leitura precisa fluir, para o proveito do próprio candidato. Quem é que gosta de ler algo enfadonho? Ninguém.

Para que as chances do candidato aumentem, costumo orientar que ele envie o plano para três profissionais diferentes: um da área específica, outro da área de ensino e outro de língua portuguesa. Além de serem três olhares, há ainda o aspecto formal de revisar o plano. Erros acontecem, mas com os cuidados anteriores eles diminuem e, assim, a pessoa passa a ter mais chances de realizar uma excelente aula e lograr êxito naquilo que ela tanto almeja: lecionar.

2. Dicas para uma boa prova didática

Há um artigo extremamente interessante de Carlos Frederico Duarte Rocha, professor do Departamento de Ecologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), intitulado “Como alcançar bom desempenho durante uma prova didática em concursos públicos

para professor universitário”. Sempre indico esse texto para os meus alunos e para amigos que farão alguma prova didática, pois ele é de uma clareza exemplar. Todavia, e esse “todavia” não é uma crítica, se alguns aspectos fossem acrescentados, o texto do professor da UERJ seria ainda mais amplo, isto é, valeria para qualquer nível de ensino.

A partir das considerações acima, acrescentarei alguns itens, que chamarei de conselhos, para um bom desempenho em uma prova didática. A partir da minha experiência com alunos de graduação e com testes seletivos e concursos públicos, tenho observado que às vezes os candidatos têm uma avaliação regular ou insatisfatória ora por causa de nervosismos, ora por causa de um ou outro detalhe mais técnico-didático. Nesse sentido, minhas dicas a seguir contemplarão tanto aspectos técnicos quanto didáticos e psicológicos. Tratar-se-á de um rol taxativo de conselhos? Jamais. Apenas um rol exemplificativo.

1. Letra é para ser legível, não precisa ser espetacular. Treine a escrita no quadro.
2. Revise o Plano de Aula com alguém da área específica e, de preferência, também com algum profissional de ensino e de língua portuguesa.
3. Demonstre conhecimento didático-metodológico, ou seja, que você tanto sabe transmitir o conteúdo quanto sabe várias formas distintas para ensinar: slides, experimentos, mapas, demais recursos audiovisuais.
4. Ministre a aula para algum professor avaliar.
5. Cuide da avaliação. Saiba diversificá-la.

6. Procure saber a história do local onde se pretende trabalhar e qual será a sua contribuição para ele. (Essa dica é válida sobretudo para o momento que a banca faz questões ao candidato. Algumas perguntas podem fugir do conteúdo em si).
7. Cuidado com a amplitude do tema. Você não precisa explorar toda a história do Brasil Colônia só porque o tema é “Brasil Colônia”.
8. Cumpra o que você prometeu no Plano de Aula. Cuide de explorar todos os objetivos elencados.
9. Tenha noção do tempo necessário para a boa execução da aula. Não “corra” para terminar um assunto, isso revela despreparo. Identifique os assuntos mais importantes e trabalhe-os mais.
10. Não deixe os slides com muitos conteúdos. Não traga muitos slides para o dia da banca.
11. Não despreze o quadro, seja ele qual for.
12. Na traga muitos aspectos pessoais para o momento da banca. (Jamais diga: “Eu vim de família humilde e queria muito que vocês me dessem uma chance”. Outras pessoas também podem ter vindo de “família humilde” e o momento exige, antes de tudo, conteúdo).
13. Organize o material a ser utilizado e a mesa do professor. Seja organizado. (Às vezes candidatam usam quatro, cinco mesas, o que gera um ambiente desagradável).
14. Nervosismos todos têm. Todos! Trata-se de uma entrevista de emprego com muitas coisas em jogo. (Geralmente há alta concorrência nos concursos, mas ela existe em tudo).
15. Cuidado com a vestimenta. (Aqui não se trata de impor padrões de roupas, mas que elas não chamem mais atenção do que o candidato e o conteúdo. Uma história: uma vez fui banca de concurso e um dos candidatos, já a noite, após a banca, foi à instituição sujo e alcoolizado. A situação é triste, mas é desclassificatória).
16. Cordialidade. Não seja rude jamais. (Usualmente a banca está “apertando” mais o candidato porque viu algo diferenciado nele).
17. Não fique falando baixinho diante do nervosismo, quando algo der errado. Dificilmente algo sai perfeito no dia a dia. (Uma vez vi um candidato dizer para si mesmo, ao escrever a data errada no quadro: “Vixi, já comecei errado”).
18. Ao entregar o Plano de Aula para a banca, entregue-o limpo e sem estar amassado. Ele é um documento. (Parece banal esse conselho, mas é comum ver candidatos entregarem esse documento sujo e amassado, o que causa uma péssima impressão).
19. Altere os tons de voz. Uma voz monótona dá sono. Uma voz muito alta, por sua vez, agride os ouvidos e igualmente dificulta o aprendizado. (Quem

suporta uma sinfonia de quase uma hora totalmente monótona?).

20. Não fale virado para o quadro.

21. Procure olhar nos olhos dos membros da banca.

22. Fale a linguagem própria do público a trabalhar. Não use a mesma linguagem que seria utilizada para a educação superior quando o público é o do ensino médio. (Ainda que a sua banca seja composta por doutores, se o objetivo do concurso é atender o ensino médio, fale uma linguagem adequada para esse público).

23. Não saia do tema da aula. (O tempo é muito curto para se dar esse luxo).

24. Faça uma breve revisão da aula anterior e pelo menos mencione o assunto da próxima aula. Isso proporciona uma noção temporal.

25. Traga dicas externas de leitura/aprendizado do tema. Isso demonstra preocupação, zelo. Podem ser artigos, livros, videoaulas, filmes, etc.

26. Faça o possível para não ler, mas, se a leitura no dia da aula for fundamental, que seja breve.

27. Cuidado com a correta pronúncia de palavras e nomes. (Se o concurso é para docente o pressuposto é o conhecimento).

28. Apague o quadro ao sair. Guarde o material com cuidado.

29. Se, apesar de tudo que você fez, não houve o resultado esperado, a tristeza é natural, mas não há motivos para se desesperar. Não há porquê e não adianta se desesperar. A jornada é longa e, muitas vezes, precisa ser percorrida durante um bom tempo.

Considerações finais

A título de encerramento, gostaria de dizer que relutei alguns anos para enviar para publicação o presente artigo. Eu o considerava íntimo demais diante do espírito existente na academia. No entanto, adquiri coragem conforme eu percebia que as minhas respostas surtiam efeito. Quanto à linguagem informal, talvez seja exatamente isso que precisamos para a solução de alguns problemas: uma linguagem mais direta, como se soasse uma voz ao pé do ouvido.

Referências

MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

ROCHA, Carlos Frederico Duarte. **Como alcançar bom desempenho durante uma prova didática em concursos públicos para professor universitário**. Revista UNIARA (Atualmente, o nome é “Revista Brasileira Multidisciplinar”), v. 14, n. 2, dezembro de 2011.

SANTOS, Solange Maria dos. Rankings Internacionais de Universidades: Comparação e Desempenho por Áreas. In: Jacques Marcovitch (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Arte; Fapesp, 2018.

Recebido em 2021-06-17

Publicado em 2021-09-01